



# Tradição e subversão: o frevo do século XXI é dos corpos queer

A dupla de peso da arte brasileira Bárbara Wagner e Benjamin de Burca mostra como jovens periféricos e LGBTI estão a reinventar o frevo. Para ver numa exposição e no Curtas Vila do Conde

**Artes**  
Mariana Duarte

Depois de uma estadia de vários anos em Berlim, a artista brasileira Bárbara Wagner voltou ao Recife com o seu companheiro de vida e de trabalho, o alemão Benjamin de Burca. Estávamos no final de 2012, no primeiro mandato do governo de Dilma Rousseff, e Bárbara nunca tinha visto o Recife assim: cheio de jovens da periferia a estudar, a trabalhar e a circular no centro desta cidade do Nordeste brasileiro, capital do estado de Pernambuco. “Fiquei encantada com a temperatura dessa juventude na cidade. Havia uma classe que eu nunca tinha visto nas ruas, consumindo, em toda a minha vida no Recife”, conta a PÚBLICA. “A gente estava num momento político, económico e social muito interessante.”

Perante este cenário de efervescência e optimismo – num país que dentro de pouco tempo estaria emaranhado numa série de escândalos políticos e a caminho de um governo de extrema-direita –, a dupla de artistas decidiu não regressar à Europa. Instalados no Recife, começaram a desenvolver aquele que viria a ser o primeiro filme realizado em conjunto: *Faz que Vai* (2015), protagonizado por alguns desses jovens periféricos, artistas negros e LGBTI, que Bárbara viu nas ruas e noutros lugares a dançarem o frevo, um tipo de música e dança tradicional criada no Recife no final do século XIX por ex-escravizados, classificado pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade desde 2012. “O que provoca o gatilho desta pesquisa é o entendimento do momento presente, no sentido de como a cultura responde à economia política”, afirma Bárbara Wagner.

*Faz que Vai* é o objecto central da exposição, com o mesmo nome, e com curadoria de Moacir dos Anjos, que está no Maus Hábitos, no Porto, até 28 de Julho, e que marca o regresso a Portugal desta dupla de peso da

arte contemporânea brasileira, este ano a representar o Brasil na Bienal de Veneza. Bárbara Wagner e Benjamin de Burca passam também pela 27.ª edição do Curtas Vila do Conde com o documentário premiado na última Berlinale, *R.I.S.E.* (2018), exibido amanhã no Teatro Municipal de Vila do Conde, às 21h30.

A pesquisa para *Faz que Vai* surgiu enquanto Bárbara e Benjamin exploravam o movimento e a indústria da música brega em Pernambuco, que em 2016 resultou no filme *Estás Vendo Coisas*, apresentado no ano seguinte em Serralves, como parte de *Incerteza Viva: Uma Exposição a Partir da 32.ª Bienal de São Paulo*, e no Curtas Vila do Conde. “Fomos percebendo que o público do brega tem uma ligação muito forte com as tradições. Vimos gente dançando maracatu, caboclinhos e frevo, consideradas danças folclóricas do Recife”, diz Bárbara Wagner. Foi, aliás, numa discoteca de brega que se cruzaram com Ryan, que abre o filme *Faz que Vai* em *drag queen*, alternando entre o frevo – que dança e promove para os turistas de Olinda, cidade vizinha do Recife – e o bate cabelo – que dança à noite nos circuitos LGBTI.

“A gente encontrou pessoas que têm o pé em dois campos ao mesmo tempo”, aponta Benjamin de Burca. *Faz que Vai*, cujo título remete para um dos passos do frevo (“faz que vai, mas não vai”), debruça-se, precisamente, nas formas como os bailarinos articulam as tradições populares com linguagens pop, identidades de género fluidas e culturas da periferia. Transitam entre o mercado profissional e oficial do frevo e circuitos não-institucionalizados, onde ensaiam novas e múltiplas corporalidades que depois injectam nas suas reinterpretações desta dança altamente fértil e complexa.

## Afirmação e resistência

Edson Vogue, protagonista do segundo segmento do filme, cruza o frevo com o *voguing*, uma dança



**O que provoca o gatilho desta pesquisa é o entendimento do momento presente, no sentido de como a cultura responde à economia política**

Bárbara Wagner  
Artista



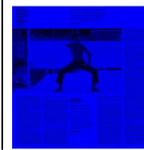
– e toda uma filosofia de vida e sobrevivência – criada no final dos anos 60 no Harlem, Nova Iorque, pelas comunidades LGBTI negras e latinas dentro da cena *ballroom* (aconselhamos uma passagem pela série televisiva *Pose* e pelo documentário *Paris Is Burning*).

“A minha pesquisa deu-se inicialmente pelo corpo em sentido externo e estético”, introduz o bailarino e pesquisador formado na Universidade Federal de Pernambuco, pioneiro da cena *voguing* de Pernambuco e *mother* da House of Guerreiras. “Nesse processo de colagem, eu pude perceber as semelhanças entre as bases organizacionais do frevo e do *voguing* por serem duas danças urbanas fei-

tas por pessoas pretas e latinas em contextos de reafirmação da identidade e de resistência em épocas distintas.”

São essas “intersecções” históricas e corporais, políticas e afectivas entre as duas linguagens, base de uma pesquisa académica e prática desenvolvida por Edson desde 2015, que o próprio irá apresentar e debater na Oficina de Frevogue, que dirige no Maus Hábitos entre esta terça-feira e quinta, no âmbito da programação paralela da exposição.

“No *Faz que Vai* faço *frevoguing*, que se tornou a minha marca. Outras referências me perpassam: Madonna, por exemplo, influenciou-me muito no meu acto performativo”, explica Edson Vogue. “O Ryan, que faz *drag queen*, misturou o frevo com bate cabelo, que é uma expressão da América Latina e tem na figura de Márcia Pantera uma das suas pioneiras. Bhrunno mistura frevo com *swingueira* num processo



Ryan abre o filme *Faz que Vai em drag queen*, entre o frevo e o bate cabelo. À direita na página, Edson Vogue cruza o frevo com o voguing

## Bárbara Wagner e Benjamin de Burca encontraram o caminho para “desmistificar a projecção que uma elite das artes faz da cultura popular”



de colagem de linguagens; Eduarda (Tchanna) cruza o funk com o frevo nesse resgate dos movimentos do quadril que o frevo também possui. São corpos, cada um com a sua individualidade e “fazer mover”, que “possibilitam novas leituras e experimentos” para o frevo, observa Edson Vogue.

Para Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, o que estes bailarinos e bailarinas fazem vai muito além de uma “adaptação da tradição”. São corpos fora da norma, historicamente secundarizados e discriminados, que resgatam e actualizam a ideia de resistência fundadora do frevo, iniciado por ex-escravizados, muitos deles capoeiristas.

“O frevo dançado por pessoas pretas, em momentos específicos de folia e festejo, era também uma forma de se organizarem politicamente numa sociedade que, embora aparentemente bem articulada, sempre se pautou pela segmentação e exploração dos mais pretos e mais

pobres”, contextualiza Edson Vogue.

Nos anos 70, durante o período da ditadura militar brasileira, o frevo “vira uma forma de dança celebrada pelo governo de Pernambuco e criam-se cartilhas de como dançar”, lembra Bárbara Wagner.

O frevo torna-se, então, numa bandeira cultural do Recife e num postal turístico, institucionalizado e legitimado (e branqueado...) pelas elites – como se pode ver no documentário de 1988 *A Trajetória do Frevo*, realizado por Fernando Spencer, que também integra esta exposição.

Em *Faz que Vai*, a dupla de artistas quis “retratar pessoas que não cabem nessa ideia cristalizada” e higienizada do frevo. Mas que, ao mesmo tempo, são quem faz continuar esta tradição, ainda que desestabilizando e diversificando o cânone. A comunidade periférica e LGBTI do frevo “desafia o paradigma da masculinidade compulsória



**Ser drag queen, mulher trans, travesti e dançar frevo – ou brega, ou brega funk, ou swingueira – é fundamental para a manutenção da cultura popular**

**Edson Vogue**  
Bailarino

que os historiadores, em geral homens brancos de classe média, tanto feticizam”, assinala Edson Vogue.

“Ao promover uma leitura do popular sem identidade, género e classe, esses senhores negam as diversas sexualidades e expressões de género que perpassam esses grupos”, acrescenta o bailarino, que integra o grupo de dança e pesquisa de frevo Guerreiros do Passo. “Ser drag queen, mulher trans, travesti e dançar frevo – ou brega, ou brega funk, ou swingueira – é fundamental para a manutenção da cultura popular.” Trata-se de uma “complexa relação de negociações entre culturas”, nota Edson Vogue, num país que tem um dos movimentos LGBTI mais fortes e reivindicativos do mundo, mas que também é um dos países onde mais se mata pessoas queer e população negra.

Essa tensão é bem clara no Carnaval pernambucano, o expoente máximo da celebração do frevo.

“Sofremos preconceito quando expressamos as nossas identidades, expressões e performances de género, mesmo o Carnaval sendo um lugar que supostamente acolheria pessoas dissidentes”, refere Edson. “Mas ainda assim conseguimos fazer com que sejamos vistos e respeitados.”

No meio desta dinâmica que balança entre a tradição, a reinvenção e a subversão – e que a exposição no Maus Hábitos poderia ter abordado de forma mais aprofundada, com mais documentação e conteúdos –, Bárbara Wagner e Benjamin de Burca encontraram o caminho para “desmistificar a projecção que uma elite das artes faz da cultura popular”.

Questão que é, aliás, um dos pontos em comum de uma tetralogia de curtas-metragens “não planeada”, algures entre o documentário, o filme-ensaio e o videoclip e sempre com base no Nordeste brasileiro, que arrancou com *Faz que Vai*, seguida de *Estás Vendo Coisas* (2016), *Terremoto Santo* (2017, depois de se terem metido na Zona da Mata de Pernambuco à procura de jovens evangélicos da música gospel) e *Swingueria* (2019), este último apresentado na Bienal de Veneza.

Em *R.I.S.E.*, para ver no 27.º Curtas Vila do Conde, a decorrer até 14 de Julho, a dupla de artistas dá continuidade às suas pesquisas sobre a música, comunidades periféricas e questões identitárias, mas desta vez no Canadá. Feita em colaboração com os poetas, rappers e cantores do colectivo e centro comunitário R.I.S.E. – Reaching Intelligent Souls Everywhere –, numa zona dos subúrbios de Toronto “com uma forte influência da imigração caribenha”, esta curta-metragem é uma espécie de ópera hip-hop graciosa e serenamente esculpida e movida a *spoken word*, rap, vozes soul, reflexões políticas.

“A gente quis investigar essa forma de música com alcance global, o hip-hop, sendo praticada como uma ferramenta de constituição de comunidade”, diz Bárbara Wagner. “É menos controverso do que os filmes realizados no Brasil”, acrescenta, entre risos. “É muito engraçado ver o que sai de um filme feito nas periferias do Canadá e o que sai de outro feito nas periferias do Brasil”, conclui.